





Transcrição do artigo publicado no jornal A Tarde, Salvador-Ba em 30-10-1990

## Meteoros, Meteoritos e Estrelas Cadentes

### Wilton Carvalho

Estrelas cadentes são aqueles traços luminosos que vemos no céu, em noites escuras. Para o homem do povo, aquela trilha de luz no céu é o rastro de uma estrela que está caindo. Para o cientista, é uma massa de ferro ou de pedra que vagava pelo espaço, foi atraída pela força da gravidade da Terra e está sendo consumida pelo calor do atrito gerado pela sua entrada na atmosfera do nosso planeta. Quando esses corpos sólidos são inteiramente consumidos pelo calor, nas camadas atmosféricas da Terra, são chamados de *meteoros*. Se eles têm uma massa suficientemente grande para conseguir chegar à superfície, então passam a chamar-se *meteoritos*.

### A QUEDA

A queda de um meteorito é um espetáculo ao mesmo tempo bonito e ameaçador. Geralmente é acompanhada de zunidos, estrondos, explosões e manifestações luminosas variadas, tais como relâmpagos e bolas de fogo. Em 1954, de acordo com a revista Life, um fragmento de meteorito de 4,5 kg atravessou o teto de uma casa no Alabana, Estados Unidos, ferindo um homem. No dia 11 de novembro de 1883, os habitantes de Macau, no Rio Grande do Norte, presenciaram uma estranha chuva de pedras, a maioria do tamanho de um ovo de pomba. Pedras pesando até 40 quilos caíram sobre animais, matando-os. Na Sibéria, União Soviética, em 1908, um corpo celeste ao desintegrar-se próximo ao solo afetou uma área de 400 mil hectares e sua explosão foi ouvida há mais de 560 km de distância. O maior meteorito encontrado na Terra pesa 60 toneladas, é composto de ferro e níquel e pode ser visto na localidade de Hoba, na África. Muitos meteoritos chegam à Terra anualmente. Apenas 18 a 20 são encontrados. A maioria cai no oceano e em florestas tropicais, inabitadas. Os museus de todo o mundo dispõem de coleções para exposição e estudos. O Museu Nacional do Rio de Janeiro conta com uma coleção de 39 meteoritos achados em território brasileiro, sendo o *Bendegó*, encontrado aqui na Bahia, o maior e mais conhecido. Ele pesa 5.360 kg estando no 11º lugar, em peso, entre os meteoritos férreos conhecidos.

Existem três tipos de meteoritos, de acordo com sua composição: 1) os de ferro e níquel, cerca de 5,7% dos achados; 2) os de ferro e rocha, 1,5% dos espécimes encontrados e 3) os compostos exclusivamente de rocha que são os mais comuns, aproximadamente 92,8% de todas as quedas já estudadas.

### “PEDRA ESTRANHA”

Os índios conheciam aquela “pedra estranha” há muitos anos e chamavam-na *cuitá*, que significa *pedaço de ferro caído*, segundo Afrânio Peixoto em seu livro Breviário da Bahia. Nome mais apropriado ninguém poderia dar àquele meteorito composto de 96% de ferro, 3% de níquel e 1% de outros elementos. O local onde foi achado fica há ouço mais de 180 metros do Riacho de Bendegó, distante 48 quilômetros da cidade de Monte Santo, no nordeste da Bahia. Próximo a esse lugar os índios pintaram em uma grande massa de granito sinais que se assemelham a uma estrela caindo.

Não se sabe quando a “Pedra do Bendegó” caiu. O primeiro registro de sua existência consta de uma comunicação que um morador da região, chamado Joaquim da Mota Botelho, fez ao governador da Bahia, D. Rodrigo José de Menezes, em 1784. Joaquim Botelho disse ao governador que estava procurando uma vaca que sumira de sua fazenda, tendo

encontrado uma “pedra estranha”, muito grande e pesada que parecia conter ouro e prata. Naquele tempo, como ainda hoje, corria no sertão de boca em boca a lenda das minas de prata do Moribeca, bandeirante baiano destemido que morreu em 1619, sem revelar seu segredo, temendo ser enganado pelos nobres que lhe prometeram o título de Marquês das Minas do Brasil para que ele mostrasse o local das miraculosas jazidas.

## **REMOÇÃO: PRIMEIRA TENTATIVA**

Em 1785, o capitão-mor do Itapicuru recebeu ordens do governador para remover a “pedra” para Salvador. Esse capitão chamava-se Bernardo Carvalho da Cunha e fez tudo o que pôde para desincumbir-se daquela missão impossível: transportar uma massa de ferro pesando mais de cinco toneladas, por uma região seca e sem estradas. Em 1785, não existiam guindastes hidráulicos montados em caminhões que fazem do levantamento e transporte de objetos pesados uma tarefa fácil que um só homem executa. O nosso capitão só dispunha de carros-de-bois e da força muscular de homens e animais. Ele não desanimou. Mandou construir um carro-de-bois baixo e reforçado, juntou um batalhão de homens e uma centena de animais e partiu de Queimadas para o Riacho do Bendegó, onde a “pedra” jazia, enferrujando no tempo. O capitão-mor era engenhoso e planejou transportar o meteorito por terra até o Rio Vasa-Barris para utilizar essa via fluvial, na época das chuvas e fazer chegar sua preciosa carga até as proximidades do Porto de Aracaju, mais perto do que o de Salvador. Com seus homens, o capitão construiu uma calçada de pedras sobre o leito do Riacho do Bendegó para que o carro-de-bois não afundasse na areia. Não se sabe como, mas sem dúvida com muito suor, a “pedra” de 5.360 quilos foi colocada sobre o carro-de-bois que atrelado a 40 animais partiu guinchando, bem devagar. A missão começara bem, faltava porém, vencer o trecho mais difícil que era a travessia do leito do riacho, logo ali, a 180 metros de distância. O peso era grande e o declive na margem do riacho fez o carro ganhar velocidade. O veículo perdeu o controle, o calor gerado pelo atrito das rodas incendiou os eixos e a “Pedra do Bendegó” com carro e tudo encalhou na areia. O capitão-mor desistiu da missão, tirou algumas amostradas da “pedra” e as enviou ao governador com o relato do ocorrido.

## **ERA ENCANTADA**

As amostras e o relatório do capitão-mor acabaram com a lenda de que a pedra continha prata e ouro, mas reforçaram a superstição de que a “pedra” era encantada e por isso recusara-se a deixar o sertão. O Bendegó ficou 102 anos lá, no leito do riacho do qual tomou o nome. Ilustres cientistas estrangeiros andaram muitas léguas no lombo de burro para ver e estudar aquela maravilha. Um inglês chamado Mornay esteve no local em 1810, a serviço do governador geral da Bahia, fazendo o reconhecimento oficial da “pedra” como um meteorito verdadeiro. Não perdeu a oportunidade e tirou uma amostra de mais de dois quilos que enviou ao museu de Londres. Em 1821 foi a vez dos naturalistas alemães Spix e Martius que também conseguiram retirar um pedaço de 3,6 quilos que se encontra no museu de Munique. O descobridor do meteorito, Joaquim da Mota Botelho, ainda era vivo e foi quem guiou esses três cientistas até o Riacho do Bendegó.

Graças ao seu enorme peso, o Bendegó inteiro não foi remetido para a Europa, a exemplo de um bloco de cobre puro, com cerca de 1.300 quilos, que foi encontrado em Cachoeira, trazendo marcas de ter atravessado a atmosfera terrestre e que foi remetido para Portugal em 1782, figurando, desde então, na coleção do Museu de História Natural de Lisboa. Os trabalhos para remoção definitiva da “Pedra do Bendegó” começaram em 1887. O então tenente da Marinha José Carlos de Carvalho, ofereceu-se para transportar o Bendegó do sertão da Bahia para o Museu Nacional no Rio de Janeiro. A Sociedade de Geografia aprovou a idéia e o Barão de Guaiá, deputado pela Bahia, financiou a expedição.

## CARRETÃO ESPECIAL

O tenente José Carlos de Carvalho, que morreu como almirante, dispunha de melhores equipamentos do que o nosso capitão-mor Bernardo de Carvalho, que fora o primeiro a tentar remover o meteorito. A estrada de ferro Salvador-Juazeiro estava sendo construída e já alcançara Queimadas e Itiúba. Em Aramari, perto de Alagoinhas, existiam oficinas “modernas”, que tinham ordens o governo federal para atender qualquer requisição do tenente Carvalho. Ele próprio era um marujo treinado em lidar com cordas, cabos, alavancas, roldanas e macacos. Após arrancar o meteorito das areias do Bendegó e colocá-lo sobre uma pilha de dormentes, o chefe da expedição foi até as oficinas da estrada de ferro, com todas as medidas e planos no bolso da algibeira para mandar construir um carretão de madeira e ferro. O detalhe técnico mais importante desse carretão consistia num sistema de dois eixos com quatro rodas cada um. Externamente, havia quatro rodas grandes de madeira, tipo roda de carro-de-bois, e internamente quatro rodas de ferro, do tipo usado pelos vagões da estrada de ferro. Em terreno seco e consistente utilizavam-se as rodas de madeira e o carretão funcionava como um carro-de-bois comum. Em terrenos alagados ou arenosos e na travessia de córregos e depressões, o carretão transformava-se um troile e usava suas rodas de ferro para deslizar sobre trilhos de aço, sustentados por dormentes de madeira.

O transporte da Pedra do Bendegó começou em 25 de novembro de 1887, um dia nublado, segundo o relatório do tenente Carvalho. O sistema de trilhos foi utilizado para retirá-lo do riacho. A marcha até a estação do Jacurici durou 126 dias. A distância percorrida foi de 113,4 quilômetros, andando em média 900 m por dia. O chefe da expedição não conhecia o sertão da Bahia e escolheu o mês chuvoso de novembro para iniciar sua marcha. Os aguaceiros atrapalharam muito o seu trabalho. O meteorito caiu do carretão nada menos do que sete vezes, devido a acidentes causados principalmente pelas chuvas e rompimentos de cordas que serviam de freios na descida de ladeiras. Os eixos do carro, apesar de reforçados, também sucumbiram ao peso da “pedra” e partiram-se quatro vezes durante o trajeto. Ao saber dessas notícias os sertanejos coçavam a cabeça e resmungavam: “A pedra é encantada, não quer ir embora, não.” Finalmente, em 15 de maio de 1888, o meteorito foi embarcado em vagão na estrada de ferro e conduzido a Salvador, distante 368 km do local do embarque. De Salvador, o Bendegó seguiu de navio para o Rio de Janeiro, onde chegou em 2 junho.

## FICOU A LENDA

O meteorito foi embora, mas lenda ficou. Erigiu-se no local de sua queda um marco de pedra e cimento, forma piramidal, tendo sido colocado em sua base uma caixa de ferro contendo uma ata dando conta do objetivo da missão, patrocinadores e data do início dos trabalhos para remoção do meteorito, isto é, 7 de setembro de 1887. Esse marco recebeu no nome de D. Pedro II, em homenagem ao imperador do Brasil.

Os sertanejos que não aprovaram a retirada de sua “pedra encantada” ficaram cada dia mais desconfiados. Acharam que levar a “pedra” contra sua vontade ainda ia trazer problemas para a região. Alguns anos após o meteorito ter sido removido, a seca castigou o sertão mais uma vez e o povo decidiu destruir logo o marco D. Pedro II a fim de restaurar a confiança de Deus e conseguir chuvas. Do pensamento à ação durou pouco tempo. Reuniram-se e investiram contra a “torre” como eles chamavam o marco com placas de bronze, louvando o imperador e a comissão de engenheiros. Desmantelaram-no todo e cavaram em sua base à procura de outra “pedra, irmã da que levaram”. Nada foi encontrado a não ser a ata lavrada em 7 de setembro de 1887. Sem saber ler, os sertanejos propagaram a outra lenda de que no papel encontrado estava escrito apenas as palavras “Jesus, Maria e José”.

Hoje, nada existe no local para assinalar onde caiu o mais importante meteorito do Brasil. Ninguém sabe por onde andam a ata e as placas de bronze colocadas pelo chefe da expedição que o removeu para o Rio de Janeiro. Subsistiu na região apenas a lenda de que existe outra pedra, irmã da que levaram e, quando for achada trará riqueza e prosperidade para aquela caatinga. Mais sorte do que o marco D. Pedro II teve seu irmão menor, o marco Barão de Guai, construído no povoado de Jacurici, município de Itiúba. Ele ainda está assinalando o lugar onde o Bendegó foi embarcado, em vagão da estrada de ferro, com destino a Salvador.

### **AJUDE A CIÊNCIA**

Se você sabe de alguma "pedra" estranha com sinais de haver sido submetida a um grande calor, comunique-se conosco, que iremos até o local para verificar. Pode ser um meteorito. Escreva ou telefone para Caixa Postal 1.110, 40001, Salvador-BA, fone (071) 242-7813.